

Construções Modais com *dar* no português do Brasil: metáfora, uso e gramática¹

Modal constructions with *dar* in Brazilian Portuguese:
metaphor, usage and grammar

Maria Margarida Martins Salomão
UFJF/CAPES

Abstract

In this article an analysis of modal constructions with the verb “dar” in Brazilian Portuguese is proposed, based on the Goldbergian model of Construction Grammar. The results obtained point towards the treatment of grammar as a net of constructions based on usage and motivated by basilar cognitive schemata.

Keywords

Modality; Construction Grammar; Metaphor.

Resumo

Neste artigo propõe-se uma análise da família de construções modais com o verbo “dar” no português brasileiro, baseada no modelo construcionista goldbergiana. Os resultados obtidos apontam para o tratamento da gramática como rede de construções baseada no uso e motivada por esquemas cognitivamente basilares.

Palavras-chave

Modalidade; Gramática de Construções; Metáfora.

1. Introdução

Embora não reconhecidas nem pela literatura gramatical nem pela lexicografia do Português, *expressões modais com o verbo dar* são vastamente familiares aos usuários contemporâneos do Português do Brasil em quaisquer das variedades abaixo ilustradas:

- (1) (a) Deu prá copiar o arquivo.
(b) Não dá prá ser feliz.
(c) Dá prá eu entregar este texto mais tarde?
- (2) (a) Este arquivo dá/deu prá copiar
- (3) (a) O Carlos dá prá coordenar este projeto.
(b) O Carlos dá prá linguista.
- (4) (a) Este dinheiro dá/deu prá gente viajar.

Todos esses usos suscitam habitualmente interpretações caracterizáveis como *Modais* na cartografia semântica da Modalidade proposta por van der Auwera e Plungian (van der AUWERA; PLUNGIAN, 1998, p. 111) e geralmente aceita em estudos tipológicos e diacrônicos desta categoria linguística: usos *Habilitativos* em (2a), (3a/b) e (4a), *Possibilitativos* (na vertente Alética) em (1a/b), e *Permissivos* (e, nesta condição, Deônticos) em (1c).

Sintaticamente, essas expressões modais discrepam francamente entre si, desde a formação *Impessoal* exemplificada em (1) à formação aparentada com *Tough-Movement* em (2), passando pela formação aparentada com *Raising* em (3), até o uso em (4), que pode ser interpretado como mais uma valência lexical do verbo *dar* ou como uma instância das *Construções Topicalizadas* ilustradas por sentenças como *Esta janela venta sem parar* ou *O Rio de Janeiro fez muito calor este fim de semana*.

A análise a ser postulada para este fascinante conjunto de casos, que identifiquei muitos anos atrás em minha tese de doutoramento (SALOMÃO, 1990), mas aos quais não dediquei subsequente atenção, depende evidentemente dos compromissos teóricos que queiramos sustentar. Nas seções que se seguem, proponho *uma análise construcional para as sentenças em (1)*. As sentenças em (2), (3) e (4) merecem um tratamento consistente com essa abordagem mas, no momento, minha análise destes casos ainda é tentativa.

Afora o interesse que pode despertar o desbravamento deste território inconquistado do Português do Brasil, argumentarei que a presente análise concorre teoricamente para o tratamento da gramática como *rede de construções baseada no uso e motivada por esquemas cognitivamente basilares* que se projetam metaforicamente em domínios tão abstratos quanto aqueles que constituem o mapa semântico das Modalidades.

1.1. Pressupostos teóricos

1.1.1. A gramática é uma rede de Construções

A hipótese sobre a gramática que subscrevo neste artigo corresponde a uma versão da *Gramática das Construções*, empreendimento teórico em desenvolvimento desde os anos oitenta do último século, sob a inspiração de George Lakoff (LAKOFF, 1987) e a liderança de Charles Fillmore e de Paul Kay (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1993), que tem como importante representação o trabalho de Adele Goldberg (GOLDBERG, 1995; 2006) e hoje encontra endosso parcial na proposta jackendoffiana de uma arquitetura paralela para a gramática (JACKENDOFF, 2002; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004; CULLICOVER; JACKENDOFF, 2005). Não é meu propósito neste texto resumir ou historiar esta família de concepções (vide, para esta finalidade, Salomão, no prelo).

Alinho, abaixo, o conjunto de concepções sobre a gramática que fundamentam a presente análise:

- *As unidades básicas do conhecimento linguístico* e, correspondentemente, das descrições da linguagem *são Construções*, pareamentos de forma e significado, convencionalizados de tal modo que nenhum de seus aspectos (da forma ou do significado) sejam exclusivamente preditíveis dos elementos que os constituem.

- Nestes termos, *as Construções de uma língua dada são idiomatismos* que emergem como padrões do uso, motivados cognitivamente e discursivamente.
- A gramática assim concebida apresenta-se como uma *rede de construções conectadas por relações de herança* que não distinguem léxico e sintaxe.

Para a análise que virei a apresentar usarei a notação goldbergiana, que tem sido a mais empregada nas abordagens construcionais do Português do Brasil.

1.1.2. As significações gramaticais, como todas as outras significações abstratas, constituem projeções figurativas dos esquemas conceptuais primários que estruturam as mais básicas experiências humanas

Hipóteses sobre a motivação cognitiva das Construções linguísticas (alvo recorrente do ceticismo formalista) ganharam alento na última década em razão de impressionantes avanços nas ciências cognitivas, especialmente na área da neurofisiologia e da psicologia comportamental, com forte impacto em projetos de modelagem computacional da linguagem.

A consolidação desses desenvolvimentos levou, entre outros resultados, à proposição de um programa de pesquisas explicitamente inspirado pela linguística cognitiva, especialmente pela *teoria conceptual da metáfora*: Lakoff e Johnson (1980); Lakoff (1983); Lakoff e Johnson (1999); pela *semântica de frames*: Fillmore (1976, 1977, 1982, 1985); e pelos tratamentos talmyanos da *semântica do movimento e da transferência de forças*: Talmy (2000).

Este programa, que encontra sua expressão mais madura no livro de 2006 de Jerome Feldman, *From molecule to metaphor: a neural theory of language*, subsidia uma das versões correntes da Gramática das Construções, a *Gramática das Construções Corporificada (Embodied Construction Grammar)*, representada pelos trabalhos de Dodge e Wright (2002), Chang (2005), Bergen e Chang (2005), e cujas principais hipóteses vão resumidas a seguir:

- O pensamento abstrato se constitui *a partir de experiências concretas corporificadas*, tipicamente experiências somáticas e sensório-motoras.
- Os conceitos concretos são diretamente incorporados como circuitos neurais que vem a ser ativados todas as vezes em que determinado comportamento é presenciado, imaginado ou rememorado (BUCCINO *et al.*, 2001 sobre os *neurônios-espelho*).
- Em consequência, a compreensão é sempre um processo de *simulação mental/neural* (BERGEN, 2006).
- A gênese do pensamento abstrato procede pela *projeção figurativa (metafórica e metonímica) destes esquemas sensório-motores, imagéticos e proprioceptivos* que estruturam as experiências básicas dos seres humanos em sua vida e em seu convívio cotidiano (LAKOFF; JOHNSON, 1999; FELDMAN, 2006).
- *Isso também se aplica à conceptualização de significações gramaticais*, como a categoria linguística de Aspecto (NARANAYAN, 1997); especificamente, hipostasia-se que essas significações gramaticais sejam “*cogs*”, isto é, estruturas resultantes do aproveitamento parcial de circuitos neurais dedicados a atividades sensório-motoras (GALLESE; LAKOFF, 2005; LAKOFF, 2006; LAKOFF, 2007).
- Em consequência, a gramática é uma rede de circuitos neurais que pareiam padrões acústico-articulatórios com esquemas conceptuais corporificados (diretamente ou figurativamente).

Esse conjunto de assertivas presume, como é óbvio, densas vinculações motivacionais na rede de heranças que constitui a gramática, em expresso desacordo com os tratamentos gramaticais hegemônicos, inclusive as abordagens construcionistas de Fillmore e Kay (1993). São, entretanto, consistentes com a análise goldbergiana das Resultativas em Inglês (*motivadas metaforicamente a partir das Construções de Movimento Causado*: GOLDBERG, 1995, p.88) ou com a análise goldbergiana das Construções em Inglês de Inversão do Sujeito, *estruturadas como categoria radial*, ou seja, motivadas a partir de uma

Construção básica (GOLDBERG, 2006, p.166-82).

1.1.3. A gramática emerge como um sistema dinâmico e também nestas condições é aprendida

O idiomatismo característico das Construções de uma língua resulta do fato de que *as Construções se estabelecem como padrões do uso*. Esta visão converge para a *concepção emergentista da gramática como sistema dinâmico*, pioneiramente esposada por Paul Hopper (HOPPER, 1988; 1998) e subscrita, de forma mais ou menos explícita, pela maioria dos estudiosos do fenômeno da *gramaticalização*. Também converge para a concepção “maximalista” de uma *gramática-baseada-no-uso* nos termos de Langacker (LANGACKER, 1988; 2000), defendida nos vários estudos coligidos em Barlow e Kemmer, 2000.

Um ponto importante dessas abordagens é o reconhecimento de que integrarão a rede da gramática tanto Construções *lexicalmente abertas* (por exemplo, a *Construção Aplicativa em Português: Eu tanto precisando da minha secretária e ela me sai de férias*) como Construções *lexicalmente especificadas* (por exemplo, Construções idiomáticas: *chover canivete, pular carnaval*; fórmulas situacionais: *meus parabéns*; colocações-quase-idiomatizadas: *dormir no sofá, alugar carro, por a mesa*), *não só no nível de sua lematização mas até mesmo no nível de sua instanciação inflexional*.

Essa condição permite, em termos de arquitetura da gramática, que possamos explicitar as relações de herança postuladas entre uma Construção Gramatical muito abstrata e a Construção Lexicalmente Especificada que a motiva: por exemplo, esta concepção de gramática permite-nos representar a relação que vincula a Construção Aspectual *Ele anda chateado*, na qual o Verbo *andar* está gramaticalizado como um tipo de Cópula, e a Predicação Complexa *Ele anda meio inclinado para um lado*, na qual o Verbo *andar*, que introduz a Primeira Predicação, retém sua significação básica como Verbo de Movimento.

Obviamente, este estado-da-teoria contribui para que estudos contemporâneos da gramaticalização venham recorrendo às diversas versões das Gramáticas das Construções como fundamento de suas análises (veja-se sobre esse ponto WISCHER; DIEWALD, 2002; DIEWALD, 2006). A nós interessa particularmente a motivação baseada-em-item das Construções Gramaticais, apta a *explicitar a vinculação cognitiva da Construção gramaticalizada com a expressão linguística de seu domínio-fonte*, tal como

no caso, acima mencionado, da Cópula Aspectual representada pelo Verbo *andar*.

Uma fortíssima evidência empírica em favor dessa concepção de gramática procede das descobertas de Michael Tomasello (TOMASELLO, 1992; 2003) sobre a aprendizagem da língua materna pelas crianças. Em seu último livro (p. 140-141), Tomasello registra que, nos estágios iniciais do seu desenvolvimento, a competência linguística da criança não é caracterizável como uma “gramática”, e sim como uma coleção de *ilhas construcionais*, relativamente isoladas e baseadas-em-itens-lexicais. Após esse período, a emergência da gramática ocorre gradualmente e de forma fragmentária, algumas Construções tornando-se mais abstratas antes de outras em função das frequências-tipo e das frequências-*token* com que as crianças as escuta. Na mesma linha, Goldberg (2006, p.85-90), identifica enviesamentos na produção linguística das crianças em função das frequências presentes na fala dos adultos, seus cuidadores.

Obviamente não se trata de advogar que o efeito frequência seja o único fator determinante da aprendizagem ou do “entrincheiramento” das Construções linguísticas: é fácil contra-exemplificar com a não-aprendizagem de seqüências que, mesmo sendo altamente freqüentes, jamais emergem como Construções; ou ainda, com a aprendizagem de expressões relativamente raras. No que diz respeito a estas últimas, Cameron-Faulkner e Kidd (2007, p.1-22), demonstram que mesmo expressões raras por razões pragmáticas (como a forma *am*, 1ª Pessoa do Singular do Presente do Verbo Inglês *be*) emergem na fala da criança seguindo estritamente uma dinâmica baseada-no-uso.

De fato, os padrões que se consolidam como Construções são aqueles investidos de dimensão simbólica, encarregados de evocar cenas básicas da experiência vivida e aptos, assim, a se tornarem alvo do compartilhamento da atenção dos usuários da linguagem.

1.2. As questões

1.2.1. Descrição versus explicação

É perfeitamente possível propor uma análise formal da Construção Modal Impessoal com o Verbo *dar*. Nossa relutância em adotar esse caminho concerne à percepção de que, se o fizéssemos, mesmo atendendo a requisitos de adequação

descritiva, não contribuiríamos para a explicação do fenômeno considerado nem avançaríamos nosso entendimento sobre a natureza da gramática.

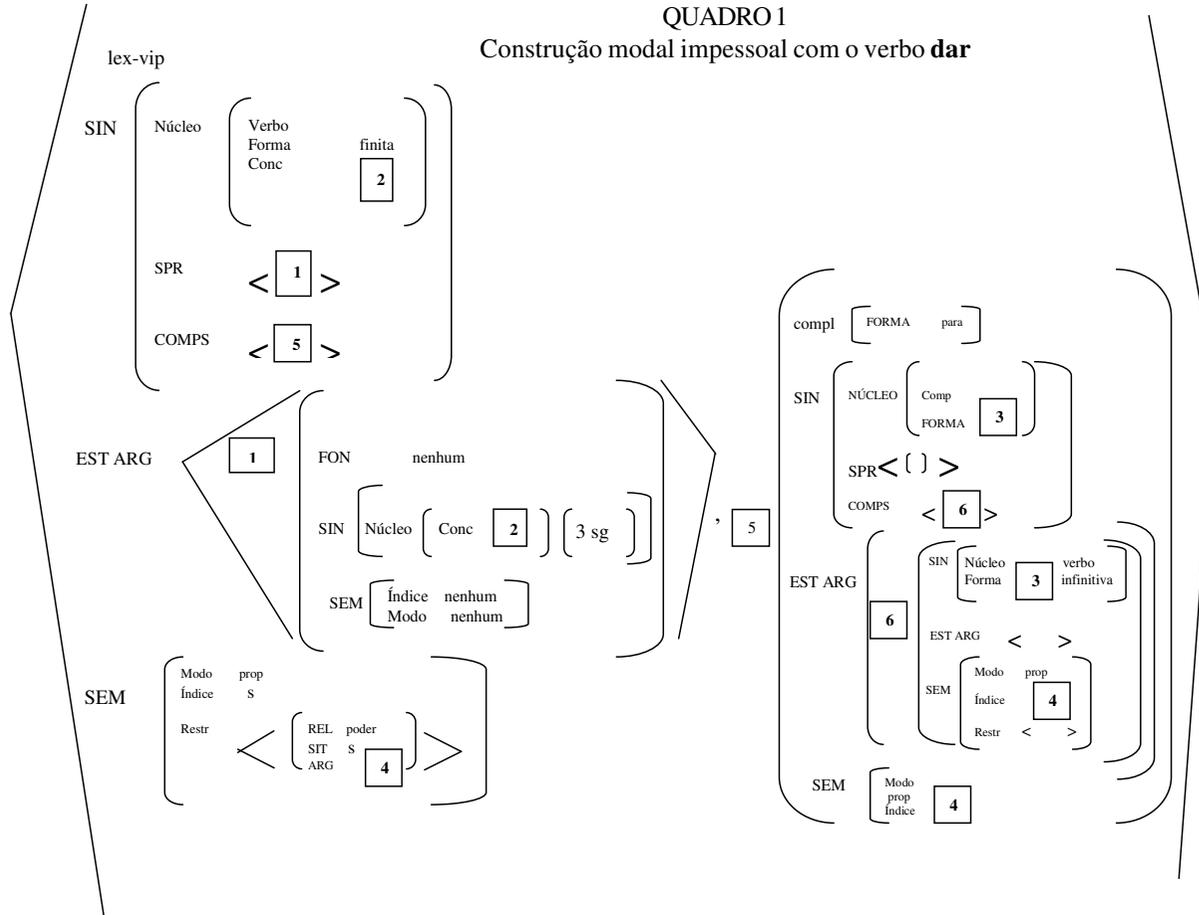
Por amor ao argumento, consideremos a análise que poderíamos esperar de uma teoria gramatical formal como HPSG (POLLARD; SAG, 1994; SAG *et al.*, 2003), que tem um claro viés construcionista, pois foca *as expressões linguísticas como signos*, representados por matrizes de valores de traços fonológicos e sintático-semânticos, e *não diferencia formações lexicais de formações sintáticas* em sua hierarquia de tipos. HPSG distingue-se da abordagem que estamos preconizando por três razões principais: porque desconhece a relação de motivação como possível vinculação de herança entre Construções, porque pratica uma análise semântica absolutamente sumária e porque sua arquitetura é inteiramente refratária ao fator uso linguístico.

A *Construção Modal Impessoal com o Verbo dar* vai representada pela matriz,² incluída na página seguinte.

A representação proposta³ cobre os seguintes fatos:

- (i) trata-se de uma Construção Lexical do Verbo *dar*: não há possibilidade de substituição lexical no contexto sintático caracterizado que preserve a mesma estrutura sin-sem (isto é, o mesmo pareamento sintático-semântico);
- (ii) trata-se de uma Construção Impessoal, cujo Especificador é fônica e semanticamente vazio, identificado exclusivamente pelo valor [3sg] para o traço Concordância; distingue-se da Construção com Sujeito fonicamente Nulo (Anáfora Nula) porque este último teria um conteúdo semântico indexado no traço Estrutura Argumental do Núcleo da Oração;
- (iii) trata-se de uma Construção Intransitiva Preposicional (*lex-vip*) na qual o Complemento do Verbo *dar* é uma Oração Infinitiva introduzida pela Preposição *para* na função de Complementizador;
- (iv) trata-se de uma Construção Modal que toma como domínio a proposição introduzida pela Oração Infinitiva, fato que é representado pela unificação dos Valores dos traços Índice.

QUADRO 1
 Construção modal impessoal com o verbo **dar**



A descrição considerada encara o uso do Verbo *dar* na Construção como mera acidentalidade. Não há possibilidade teórica de relacioná-lo com outros usos do mesmo lexema ou, ainda, de enfrentar a *Quase-Auxiliaridade* (cf. HEINE, 1993, p.15) de sua participação nessa Construção: considerem-se como fatores que favorecem uma análise como *Quase-Auxiliar* desse lexema a circunstância de o Verbo *dar* ocorrer nessa Construção com sua grade temática anulada e a aproximação de seu emprego nesse caso com outros usos Modais de *dar*, que apresentam um Sujeito sintático “alçado” dos respectivos Complementos Infinitivos: *Este arquivo dá prá copiar / O Carlos dá prá coordenar este projeto.*

O fato é que as relações de herança teoricamente admitidas por HPSG presumem apenas uma especificação progressiva dos subtipos em relação a seus supertipos; nada que dê conta, por exemplo, da perda da grade temática do lexema (o que seria uma subespecificação da Construção, e não um acréscimo das restrições operativas sobre ela). Por outro lado, as Construções com “movimento” (“*Raising*” ou “*Tough-Movement*”) não são nesta teoria geradas derivacionalmente (o que, aliás, me parece correto); de todo modo, nessas condições, afigura-se impossível assinalar formalmente o “parentesco” entre as várias Construções Modais consideradas.

Se, sintaticamente, a descrição proposta já se apresenta insuficiente, o valor do traço *Semântica* da matriz proposta é miserável: assinala exclusivamente a interpretação Modal da Construção e o escopo da Modalização introduzida (através de uma predicação modal abstrata). Não é possível sequer um detalhamento da acepção modal considerada, a qual, como veremos, pode ser ambiguamente Habilitativa, (Aleticamente) Possibilitativa ou Deôntica (Permissiva).

1.2.2. A motivação figurativa da gramática

A passagem diacrônica de Construções Lexicais a Construções Gramaticais recebeu enorme atenção dos estudiosos na alvorada da Linguística Cognitiva (basta lembrar o tratamento da emergência dos Modais Epistêmicos em inglês na tese de doutorado de Eve Sweetser, de 1984, publicada em Sweetser (1990, p.49-75); ou o estudo de caso apresentado em Lakoff (1987, p.462-585), sobre as Construções Locativas e Existenciais com *there*.)

Além disso, o mesmo tema desempenha o papel de hipótese estruturante para os estudos da gramaticalização desenvolvidos ao longo das últimas três décadas, os quais se definem como estudos “d[uma mudança através da qual

construções e itens lexicais vem a exercer funções gramaticais em determinados contextos linguísticos” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], p.18; trad. minha).

Entre as hipóteses explicativas deste tipo de mudança linguística, destacam-se especialmente o *processo de metaforização* (SWEETSER, 1990[1984]; 1988; BYBEE; PAGLIUCCA, 1985; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991) e o de *inferenciação metonímica* (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCCA, 1994; HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993]; TRAUGOTT; DASHER, 2005). Nos termos de Traugott (2006, p.113),

(...) Embora nenhum destes mecanismos invalide o outro, e se possa mesmo demonstrar que idealmente funcionam em conjunto, já que muitas metáforas se originam de metonímias (vide BARCELONA, 2000) e são plenamente operativas no contexto em que a inferenciação metonímica torna-se saliente, parece que a *inferenciação metonímica é que desempenha o papel principal* no processo em que falantes e ouvintes praticam a negociação do sentido e aderem à inovação; *o resultado de muitas mudanças deve, entretanto, ser descrito como metáfora se se adota uma perspectiva sincrônica.* (...) (Trad. e grifos meus.)

A posição mais recente de Traugott, tal como ilustrada na citação acima, parece reforçar a dimensão pragmático-conversacional da implementação dessa mudança linguística, sem, entretanto, perder de vista sua motivação cognitiva, introduzida pela metáfora conceptual na gênese e na consolidação do processo de gramaticalização.

No que nos concerne, tendo em vista a convicção que expusemos sobre o caráter emergente da gramática, é perfeitamente razoável que a fenomenologia do processo compreenda a gradual convencionalização das implicaturas suscitadas metaforicamente, processo que se dissemina progressivamente, alcançando um número cada vez maior de contextos (ou seja, de realizações lexicais). Essa situação, uma vez estabilizada, se expressará como vínculo de motivação metafórica da Construção Gramatical na rede a que pertence.

Necessário será, portanto, que a análise que viermos a propor permita representar esses fatos não apenas como explicação diacrônica, mas também como elemento fundante das heranças que constituem a rede das Construções considerada.

1.3. A hipótese analítica

Considerado esse conjunto de questões e os pressupostos teóricos que lhes dizem respeito, pretendemos neste artigo mostrar que *a emergência de uma específica Construção Gramatical ilustra a fundação metafórica das significações gramaticais*. Pretendemos particularmente verificar que a Construção Modal Impessoal com o Verbo *dar* (CMI) integra uma rede construcional nucleada pela Construção de Transferência de Posse (CTP) com o mesmo Verbo, de tal modo que a *acepção Modal* por ela suscitada *procede, via Heranças Múltiplas, do mapeamento metafórico do domínio-fonte da Transferência de Forças*.

2. A rede construcional com o Verbo *dar*

Como muitas outras línguas (vide o trabalho tipológico de John Newman, intitulado *Give*: NEWMAN, 1996), o Português apresenta um Verbo *dar* imensamente polissêmico; os registros lexicográficos usuais (dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Michaelis*) consignam o respectivo verbete com mais de uma centena de acepções, listadas, é verdade, de forma redundante e desestruturada.

Em 1990, em minha tese de doutoramento (SALOMÃO, 1990), defendi, com base em argumentos praticados no escopo da Linguística Cognitiva, que esses usos interrelacionados constituíam uma categoria radial nos termos de Lakoff (1987) já que herdavam parcialmente sua sintaxe e sua semântica de uma Construção Central na rede, a *Construção de Transferência de Propriedade com o Verbo dar* (CTP), abaixo ilustrada:

(5) O Antônio deu o livro dele prá mim.

Ainda hoje é possível sustentar esta “irradiação”, postulada agora em termos mais complexos. Há dois bons motivos para isso: o primeiro é que os estudos de *corpora* baseados-no-uso demonstram a legitimidade da postulação de redes lexicais polissêmicas (GRIES, 2006, p.57-99) e, especificamente, de redes construcionais desenvolvidas a partir de preenchimentos lexicais (TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 2006). O segundo é que a versão “Corporificada” da Gramática das Construções reivindica o mapeamento de Esquemas Conceptuais Basilares (Imagéticos ou Sensorio-Motores) como elementos constitutivos do significado das Construções (vide, por exemplo, BERGEN; CHANG, 2005, p. 149-153).

O *frame* da *Transferência de Posse* suscitado pela *CTP* é convenientemente complexo, seja em termos dos outros *frames* de que é herdeiro, seja em termos de sua própria estrutura aspectual, o que explica o aproveitamento de sua expressão linguística para a evocação de tantas outras situações correlacionadas.

Além disso, é inquestionável a relevância sociocomunicativa do cenário conceptual de que se trata, o que é evidenciado não só pelo fato de que a *Transferência de Posse constitui a acepção mais freqüente* nas redes polissêmicas vinculada aos lexemas traduzidos como *dar* nas línguas do mundo (NEWMAN, 1996), como também pelo fato de figurar essa acepção entre *as mais precoces manifestações lingüísticas da criança* (BLOOM, 2000; TOMASELLO, 2003).

Daí ser facilmente explicável, que a *CTP* venha a ser estendida como abaixo exemplificado:

- (6) (a) O Antônio deu uma idéia para o título do livro.
 (b) O Antônio deu um chute na porta.
 (c) O Antônio deu uma dormidinha depois do almoço.
- (7) (a) Esta goiabeira dá uma goiaba ótima.
 (b) Aula me dá sono.
 (c) Me deu fome agora.
 (d) Deu sol ontem./ Deu mofo na parede.
- (8) (a) O navio deu no rochedo.
 (b) A rua Halfeld dá na Praça da Estação.

Não pretendo aqui retomar minha análise de 1990, mas apenas assinalar a diversidade sintática e semântica destes usos de *dar* (como *Verbo Suporte* em (6), como *Causativo/Inceptivo* em (7), como *Verbo de Movimento* (Físico ou Fictício) em (8)). Tal amostra permite, porém, imaginar como são complexas as relações de herança a partir da *CTP*, que represento a seguir, usando a notação goldbergiana de 1995 e 2006:

CONSTRUÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE (CTP)

(Instanciação da CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO)

CAUSAR-RECEBER	AGT	TEMA	ALVO
V	POSSUIDOR	RECURSO	RECIPIENTE
<i>dar</i>	SUJ	OBJ	OBL/ pra

A presente representação estabelece que a Construção lexicalmente preenchida pelo Verbo *dar* (mas instanciável também por Verbos como *entregar*, *outorgar*, *presentear*, *ceder*, etc.) realiza sua estrutura argumental de tal forma que o Sujeito, que é tematicamente o Agente, se liga através do Elemento de *Frame* (EF) *Possuidor* ao *frame Transferência de Posse*, introduzido pelo lexema *dar*; correspondentemente, o Complemento Objeto, que é tematicamente o Tema, se liga ao mesmo *frame* através do EF *Recurso* e o Complemento Oblíquo (Preposicionado com *para*), que é tematicamente o Alvo, se liga ao referido *frame* através do EF *Recipiente*. A notação goldbergiana permite que representemos, por via das colunas da matriz apresentada, a *unificação* entre as relações temáticas constitutivas da Construção, os Elementos do *Frame* evocado pelo lexema e as funções gramaticais dos sintagmas que correspondem a estas indexações semânticas (Vide GOLDBERG, 1995, p.43-66.)

A notação também representa que a *CTP* herda da *Construção de Movimento Causado* a sua Valência (isto é, o pareamento de suas funções temáticas com suas funções gramaticais). A simples consideração desta interação da Valência Construcional de Movimento Causado com o *frame* evocado pelo lexema *dar* já nos assinala a intrínseca complexidade do esquema conceptual suscetível pela *CTP*.

Além destas meta-relações semânticas, é necessário também atentar para a estrutura aspectual da Construção, caracterizável como um *accomplishment*, nos termos da terminologia vendleriana para classes aspectuais (VENDLER, 1967): *accomplishments* designam seqüências de eventos tais que o primeiro Evento, que é uma *Atividade*, produz um segundo Evento, que é uma *Mudança de Estado* como seu Resultado. O esquema conceptual complexo evocado pela *CTP* conflaciona Evento Causador e Evento Resultado nos termos da ligação (*binding*) de três esquemas conceptuais elementares:

POSSUIDOR INICIAL	↔	AGENTE	↔	ORIGEM
RECURSO	↔	PACIENTE	↔	TEMA
POSSUIDOR FINAL		↔		RECIPIENTE
RELAÇÕES DE PROPRIEDADE		AÇÃO		TRAJETÓRIA

É essa rica estrutura conceptual, pareada a uma estrutura sintática elegante e simples, que, aliada à sua alta relevância pragmática, torna a Construção de Transferência de Propriedade recurso simbólico tão poderoso.

Se ações físicas complexas emergem da coreografia de padrões acionais primitivos (GALLESE; LAKOFF, 2005), podemos também esperar que complexos padrões interacionais (como os implicados na *Transferência de Posse*) resultem da associação de estruturas conceptuais independentes. E, se seqüências motoras complexas podem ser ativadas apenas parcialmente para atender a certas determinações funcionais (por exemplo, no caso do neurônio-espelho, a observação de uma ação requer somente a ativação de áreas pré-motoras do córtex, não a atualização de toda a seqüência requerida para o movimento), é plausível que, conceptualmente, possamos ter a evocação de conceitos abstratos através da “propagação” parcial da rede de esquemas encarregados da produção das noções mais concretas.

Desse modo, teríamos uma explicação para a gramática consistente com hipóteses empiricamente sustentadas para a explicação neurobiológica da cognição.

3. As expressões de Modalidade na rede construcional com o Verbo dar

3.1. A semântica da Modalidade em termos de *Transferência de Forças*

Os tratamentos tipológicos da Modalidade reservam pouco espaço para as expressões Modais baseadas em *Transferência de Propriedade*, não obstante elas serem encontradas em línguas com multidões de falantes como o mandarim. Além desta, outras línguas asiáticas como o lahu (falado no Laos) e o uigur (falado na parte ocidental da China) apresentam expressões Modais de Habilidade, Possibilidade (Alética) e Permissão baseadas em lexemas glossáveis como CONSEGUIR ou OBTER (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCCA, 1994, p.188-191).

Nessa situação, como em outras, o imperialismo “linguístico” do inglês manifesta-se pela predominância de estudos sobre a Modalidade emergindo de expressões de Habilidade glossáveis como SABER (caso de *can*) ou como CAPACIDADE FÍSICA (caso de *may / might*), ou ainda como VOLIÇÃO (caso de *will / would*).

De todo modo, grande parte desses estudos registra como condição explicativa a hipótese talmyana sobre as significações modais (TALMY, 1988, p.53; TALMY, 2000, p. 438-452).

Como é sabido, deve-se a Talmy um abrangente tratamento das expressões lingüísticas de Causa em termos de esquemas relativos à aplicação de Forças no domínio físico (TALMY, 1981; 1985; 1988; 2000). Tais esquemas compreendem um par de conceitos, nomeados segundo os termos que, em fisiologia, designam pares de músculos que se opõem entre si: o *Agonista*, que corresponde à entidade-foco da *Força* aplicada, e o *Antagonista*, que exerce a *Força* que se contrapõe a esta. Talmy estuda uma quantidade de situações lingüísticas em que as *Forças* do *Agonista* e do *Antagonista* se equilibram, ou variavelmente se sobrepõem, exercem-se continuamente ou a partir de uma inepção abrupta, procedem à sua imposição ou a seu impedimento. Essas condições combinadas acabam por produzir uma análise bastante refinada das expressões causativas em um grande número de línguas tipologicamente distintas.

Talmy propõe que essa análise seja também aplicada para explicar as expressões lingüísticas de *domínio intrapsicológico*, (expressões do tipo *Eu me segurei para não dizer o que eu pensava*; *Ela se controlou prá não brigar*; etc), que constituem a classe de interações reflexivas que ele chama de *psicodinâmicas*. Além destas, propõe que sejam analisadas nos mesmos termos “as *interações interpsicológicas* entre entidades dotadas de sensibilidade e consciência, isto é, *interações entre forças sociais* que constituem a *sociodinâmica*” (TALMY, 2000, p. 438, trad. e grifos meus).

Exemplos relevantes em português dessa situação são oferecidos por sentenças como (9):

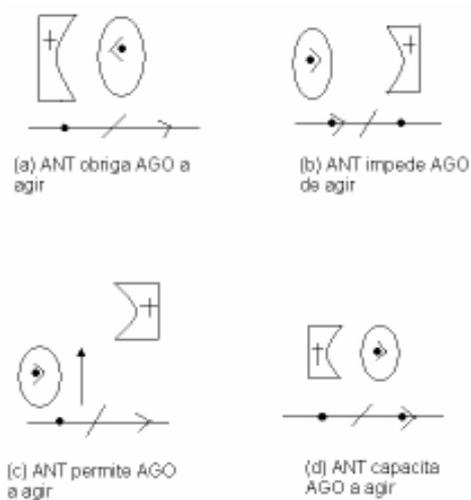
- (9) (a) O assessor está *sofrendo pressão* do Deputado prá não abrir o bico prá Polícia Federal .
(b) Bush *coagiu* o Paquistão a enfrentar o Taliban.
(c) A assinatura do contrato *aliviou a tensão* entre os jogadores que, por isso, atuaram melhor.
(d) A gangue *forçou* Pixote a fazer coisas que ele *não queria*.

Da existência de tais relações procede a análise talmyana da Modalidade Deôntica como *exercício de Forças por um Antagonista*, que é uma entidade portadora de sensibilidade e consciência, sobre um *Agonista*, que é outra entidade da mesma classe, em termos de ser este último *habilitado a agir*, *obrigado a agir*, *impedido de agir* ou *licenciado a agir*.

Usando os diagramas convencionais da notação talmyana, teríamos o seguinte quadro de possibilidades,⁴ relevante para a representação das Modalidades Deônticas:⁵

QUADRO 2

Quadro de representação das Modalidades Deônticas em termos de esquematização de TRANSFERÊNCIA DE FORÇAS



Como se pode notar nesses diagramas, no que se refere à Modalidade, a Força do Antagonista é sempre superior à do Agonista: há duas situações de imposição de Força Direta contrariando a disposição do Agonista (a saber, as situações representadas por *obrigar* e *proibir*). Já no caso de *licenciar/permitir*, o Antagonista suspende o obstáculo à manifestação da disposição do Agonista e, no caso de *capacitar/habilitar*, o Antagonista transfere ao Agonista a Força que é necessária para que este realize a sua disposição.

Sweetser, em estudo clássico, explica as Modalidades Epistêmicas como projeção metafórica desses esquemas, postulados originalmente para a explicação da Modalidade Deôntica (SWEETSER, 1990, p.56-68). Nessas condições, propõe uma atraente *unificação do tratamento das Modalidades em termos da projeção metafórica de esquemas conceituais corporificados* (no caso, *esquemas cinestéticos*: vide TALMY, 2000, p. 467). No presente artigo, assumirei esse *insight* sobre o tratamento das Modalidades em termos das projeções figurativas acima apresentadas.

É clara, no caso da conceptualização de *Transferência de Propriedade*, a alteração sociodinâmica produzida pela atuação do Antagonista, ou seja, do *Possuidor Inicial do Recurso*: a obtenção de um *Recurso* pelo *Recipiente* o capacita, virtualmente, para a consecução de uma Finalidade que tenha a *Posse do Recurso* como Condição Necessária. Portanto, nos termos da explicação talmyana para as Modalidades Deônticas, o *frame* da *Transferência de Propriedade* afigura-se como um domínio-fonte apto para a representação metafórica de outras significações Modais.

3.2. A conceptualização metafórica da *Transferência de Recursos* como *Transferência de Atributos*

No caso que estamos considerando, a relação Modal envolve também as grandes metáforas ontológicas identificadas por Lakoff e Johnson (LAKOFF; JONHSON, 1999, p. 170-234) para *Eventos e Causas*. Os autores observam, à p.194-196, que, assim como a conceptualização da categoria de Tempo requer uma *metáfora dual* (*o-Tempo-que-se-Move-em-Direção-ao-Observador* e *o-Observador-que-se-Move-no-Tempo*), a conceptualização das categorias inter-relacionadas de Eventos e de Causas também requer duas metáforas: *Eventos-como-Lugares* e *Eventos-como-Objetos*. Nos termos postos à página 196, com a minha tradução,

(...) o núcleo da dualidade pode ser constatado de forma muito simples pelo seguinte contraste:

METÁFORA DA ESTRUTURA-DO-EVENTO COMO LUGAR

Estados são Lugares.

Mudanças são Movimentos (para dentro ou para fora desses Lugares).

Causas são Movimentos Forçados (a partir de um Lugar ou em direção a um Lugar).

Propósitos são Destinos Desejados. (Destinações).

METÁFORA DA ESTRUTURA-DO-EVENTO COMO OBJETO

Atributos são Propriedades.

Mudanças são Aquisições ou Perdas de Propriedades.

Causas são Transferências de Propriedades (dando ou recebendo).

Propósitos são Objetos desejados. (...)

A exemplificação dessas metáforas em português é abundante, como se pode verificar em (10) (metáfora do *Evento-como-Lugar*) e (11) (metáfora do *Evento-como-Objeto*):

- (10) (a) Ela *está na* maior animação com o novo emprego.
 (b) Ela *entrou no* Mestrado ano passado.
 (c) A economia brasileira *saiu da* estagnação em que se encontrava.
 (d) O dólar *derrubou* as cotações da Bolsa.
 (e) A adoção de cotas nas Universidades públicas *busca* um aumento de equidade no recrutamento dos alunos.
- (11) (a) *Estou com* dor de cabeça./ *Tenho* esperança que a situação melhore.
 (b) *Perdi* o sono ontem de noite./ *Peguei* uma antipatia desta menina!
 (c) O remédio me *tirou* a dor completamente./ Ela me *deu* uma idéia muito boa para a decoração da sala.
 (d) Ele *tem fome* de justiça. O emprego que ele está tentando é *uma jóia rara*. O campeão *saboreou* a vitória.

A Construção Modal com *dar* é, pois, também motivada por dois específicos mapeamentos metafóricos que participam desta ontologia dual:

- I. Atributos são Propriedades (da metáfora do *Evento-como-Objeto*).
 II. Propósitos são Destinações (da metáfora do *Evento-como-Lugar*).

Essas conceptualizações se combinam para projetar o complexo *frame* da *Transferência-de-Recursos-para-uma-Específica-Finalidade*, exemplificado literalmente em (12), e, metaforicamente, em (13):

- (12) (a) A Universidade *pagou nossas férias* ontem.
 (b) Eu *consegui* da CAPES *mais uma Bolsa para o Doutorado*.
- (13) (a) Ele *arranjou tempo para ler o meu artigo*.
 (b) Preciso de arrumar *paciência para lidar com esta situação*.

As sentenças (12) ilustram situações em que a obtenção de um *Recurso Material* (pagamento da remuneração salarial destinada às férias; pagamento de bolsa para realizar estudos de pós-graduação) capacita o *Recipiente* a realizar um determinado *Propósito*. As sentenças (13) evocam o cenário em que a transferência de um *Recurso* metafórico (*Atributos são Propriedades*) suscita

a inferência de que sua disponibilidade pelo *Possuidor* favorece o atingimento da pretendida *Destinação* metafórica, marcada pela Preposição Direcional *para* (*Propósitos são Destinações*).

A conceptualização considerada presume, como já ficou dito, a esquematização representada por (d) no Quadro 2: *o Recurso Transferido é Força que capacita o Agonista a materializar a sua disposição (de mover-se ou de repousar)*. Como sabemos que metaforicamente Recursos são Atributos, é a Mudança metafórica, efetivada no Agonista/ Recipiente pela Aquisição de novos Atributos, que o empodera a mover-se metaforicamente para a Destinação Desejada, que é o seu Propósito.

O esquema cinestético da *Transferência de Forças* estrutura o Cenário básico da *Transferência de Propriedade*, o que explica o fato de que a metáfora ontológica das *Causas-como-Transferência-de-Propriedades* tenha vindo a motivar a idiomatização da *Modalidade Habilitativa com o Verbo dar*. O ponto diferencial entre as Construções com *dar* e as expressões em (13) é que o Habilitado, nos casos com *dar*, é sempre o Recipiente metafórico de uma Doação.

3.3. A Construção de Habilitação com o Verbo *dar*

A Construção de Habilitação com o Verbo *dar* é uma instanciación da CTP com um Modificador que especifica a Finalidade da Transferência. Vale repetir que a Construção de Transferência de Propriedade, por ser uma Construção Causativa (de Movimento Causado), já é intrinsecamente estruturada pelo esquema conceptual da Transferência de Forças. No caso, a Força transferida é um Recurso que, virtualmente, habilitará o Recipiente a realizar o seu Propósito. Vide a ilustração literal e metafórica dessa situação em (14)(a) e (b), respectivamente:

- (14) (a) A CAPES me deu uma bolsa para o Doutorado.
(b) A CAPES me deu mais tempo para apresentar o relatório.

A *Construção de Habilitação* diferencia-se da CTP, representada na seção 2 deste artigo, por *apresentar sua Estrutura Argumental ampliada pela presença de um Modificador*, que é um Objeto Oblíquo, cuja Forma pode ser a de um Sintagma Preposicional ou a de uma Oração Infinitiva, em ambos os casos introduzido pela Preposição *para/prá*. Em qualquer desses dois casos, o

Modificador se unificará com a função temática Finalidade (ou Propósito), introduzida pela Construção.

Construção de Habilitação

Instanciação da Construção de Transferência de Propriedade				
CAUSAR-RECEBER	AGENTE	TEMA	ALVO	FINALIDADE
V	POSSUIDOR	RECURSO	RECIPIENTE	
<i>dar</i>	SUJ	OBJ	OBL/ _{para}	OBL/ _{para}

É interessante observar que essa Construção licencia tanto a instanciação de (15)(a) como a de (15)(b):

- (15) (a) Ele deu muita força prá mim prá eu viajar.
 (b) Ele deu muita força prá eu viajar.

A diferença entre essas duas possibilidades, semanticamente equivalentes, é a focalização enfática do Recipiente em (15)(a). Já em (15)(b), estamos às voltas com uma espécie de “*mescla sintática*” prevista por Michael Barlow (BARLOW, 2000, p. 325-329) que envolve a fusão de dois distintos lugares sintáticos, preenchidos por entidades referencialmente idênticas e conceptualmente relacionadas.

A Construção de Habilitação evoca uma acepção Modal considerada periférica no mapa semântico-discursivo de van der Auwera e Plungian (1998, p.111): trata-se de uma acepção Modal *Interna-à-Proposição e Orientada-para-o-Agonista* (e não para o Falante); por outro lado, a Habilitação introduzida não pode ser contada como Capacidade Inerente ao Participante/Agonista: na verdade, a Habilitação neste caso é um Fator Capacitante Circunstancial. Vale contrastar *Habilitações Intrínsecas ao Agonista*, como em *Ele sabe nadar* com *Habilitações Contingentes* como em *O salva-vidas deu prá ele uma bóia prá ele nadar na correnteza*.

O significado Habilitativo dessa Construção é expresso de forma bastante precisa: a Construção somente licencia Sujeitos que correspondam a Agentes/ Causadores admissíveis ou Objetos que sejam adequadamente Habilitantes. Daí a inaceitabilidade dos exemplos (16):

- (16) (a) ? *A bagagem* deu uma força prá eu viajar.
 (b) ? O barulho me deu *dor de cabeça* prá eu viajar.

3.4. A emergência da Construção Modal Impessoal com o Verbo *dar*

Nossa análise é de que a Construção Modal Impessoal com *dar* emerge como *uma generalização da Modal Habilitativa* anteriormente representada. A generalização hipostasiada se estabelece como uma progressiva ampliação dos contextos de instanciamento da Construção Habilitativa, levando a correspondentes alterações na sua sintaxe e na sua semântica.

Assim, na sua instanciamento “nuclear”, a Construção comparece com um Agonista animado, como em (14). No entanto, a extensão figurativa de Personificação, uma das mais comuns das extensões metafóricas, logo licencia também (15):

(15) Esta estrada dá condições prá gente chegar ao Rio em duas horas.

Note-se a Instanciamento Nulo do Objeto Oblíquo Recipiente, catáfora do Sujeito da Infinitiva. Outras versões, semanticamente aparentadas a (15), apresentam-se como (16).

(16) (a) A estrada está boa. Dá prá gente chegar ao Rio em duas horas.
(b) Desse jeito dá prá chegar ao Rio em duas horas.

O exemplo (15) faz a asserção de uma Habilitação Circunstante produzida por uma Causa Específica (*a situação da estrada*). Em (16)(a), a Habilitação Circunstante é introduzida pelo contexto discursivo e figura como que anaforicamente na Construção Habilitativa em tela. Em (16)(b), no entanto, Causa e Agonista são deixados indefinidos na expressão do que já pode analisar-se como uma Possibilidade Alética.

É de destacar-se, neste último caso, a alteração semântica no caráter da Modal, que deixa de ser orientada-para-o-Agonista e adquire o caráter *Avaliativo / Intersubjetivo* das Modalidades gramaticalizadas (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p.119).

A alteração semântico-sintática que ocorre nestas instanciamentos da Construção é radicalizada pela remoção das restrições semânticas sobre a realização sintática do Sujeito da Infinitiva, conforme se vê em (17):

- (17) (a) Dá prá ele chegar a tempo.
 (b) Dá prá ele estar mais calmo agora.
 (c) Dá prá ele ser derrotado na eleição.
 (d) Dá prá cerveja ficar gelada até na hora do churrasco.

Nesses casos, o Sintagma que nas Habilitativas corresponde ao Agonista e, nestas condições, deveria sempre ser um Agente, apresenta-se como Agente em (17)(a), mas como Experienciador em (17)(b), como Paciente (Animado) em (17)(c) e, finalmente, como Paciente Inanimado em (17)(d). Se (17)(a-b) podem ser lidas *Habilitativamente*, as interpretações mais aceitáveis de (17)(c-d) são francamente *Possibilitativas*.

Deste modo, podemos dizer que caracterizam a Construção Modal Impessoal os seguintes fatores:

- (i) a anulação das restrições semânticas sobre o Sujeito da Infinitiva (o que leva a uma ampliação das frequências-tipo da Construção);
- (ii) a Indefinição da Habilitação metaforicamente transferida;
- (iii) e a Indefinição referencial do Antagonista (isto é, do Causador ou da Causa da Transferência).

É a seguinte a representação da Construção Modal Impessoal com *dar*:

CAUSAR-RECEBER	CAUSA	POSSIBILIDADE	SITUAÇÃO
V_{AUX} <i>dar</i>	SUJNULO	OBJNULO	ORAÇÃO INFINITIVA/ _{para}

Note-se a inespecificação da Valência lexical do Verbo *dar*, que deixa de contribuir o seu *frame* para essa Construção. Por outro lado, *a estrutura argumental remanescente é a estrutura argumental construcional, constituída de uma Causa Genérica que Habilita genericamente uma Situação*. Pode-se afirmar que tanto esta Causa como esta Habilitação, sintaticamente irrealizadas, procedem da Construção Lexical com *dar*. Esta nossa assertiva é análoga à explicação proposta por Goldberg e por Tomasello para a *Construção de Estrutura Argumental Ditransitiva em Inglês como generalização da Construção Ditransitiva Lexical com o Verbo give* (TOMASELLO, 2003, p. 151-154; GOLDBERG, 2006, p.77-79).

É importante assinalar, neste ponto, a superioridade da solução construcional/ cognitivista que postulamos sobre a análise construcional formal, apresentada na metalinguagem de HPSG, na seção 1.2.1 deste artigo. Aqui, em vez de assinalarmos o valor do traço Semântica em termos de uma predicação Modal abstrata (que inespecifica a aceção Modal vinculada à Construção), *representamos a significação Modal da Construção em termos da Atribuição de uma Possibilidade a uma Situação*.

O fato de que Causas Genéricas e Possibilidades Genéricas tenham uma representação sintática nula é inteiramente consistente com o tratamento que a gramática do português reserva para Sujeitos e Objetos semanticamente Genéricos: *Estão falando aí que a CPMF vai voltar* (Sujeito Genérico sintaticamente Nulo); *A gente come muito bem nestes quiosques da praia*. (Objeto Genérico sintaticamente Nulo).

Do ponto de vista sintático, a anulação da grade temática do Verbo *dar* indica sua recategorização como *Verbo Auxiliar* (ou *Quase-Auxiliar*, nos termos da distinção proposta na literatura entre Verbos (*Auxiliares*) que ocorrem com um Sintagma Verbal como seu Complemento e Verbos (*Quase-Auxiliares*) que ocorrem com um *Sintagma Preposicional* como seu Complemento). De todo modo, é preciso assinalar a *reanálise sintática* operada: passamos de uma situação com o Verbo Principal *dar*, nas *Construções de Transferência de Posse e de Habilitação*, para uma *Construção Modal com o Verbo (Quase) Auxiliar dar*, cuja predicação principal modalizada é realizada sintaticamente pelo Complemento Infinitivo regido da Preposição *para*. A análise da Construção Modal, anteriormente apresentada na notação goldbergiana, inclui esses fatos.

Outro elemento representado pelas relações de herança presentes na análise é a motivação da *Construção Moda Impessoal (CMI) com dar*. Antes que uma escolha lexical aleatória, condição que divergiria de toda a literatura sobre a emergência de Auxiliares Modais, a gramaticalização que descrevemos toma o *frame* introduzido pelo lexema *dar* como fator essencial no desenvolvimento da idiomatização considerada. O esquema da *Transferência de Forças*, constitutivo do *frame* da *Transferência de Recursos*, desempenha, como já ficou visto, papel fundamental na emergência da *Construção de Habilitação* e na generalização desta como *CMI*.

Cabe destacar que a emergência da *CMI* atende a todos os requisitos indicados (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 84) como traços diagnósticos de um processo de gramaticalização:

- (i) uso da Construção como perífrase especializada na expressão de uma significação tipicamente gramatical (*Modal*);
- (ii) desbotamento da significação originária (*Transferência de Recursos*) do lexema e desenvolvimento de uma nova significação (*Modal*) para a perífrase;
- (iii) convencionalização da implicatura pragmática de que a *Transferência de Recurso* empodera o Recipiente como Agonista de uma Finalidade virtual;
- (iv) reanálise do Verbo Principal como Verbo (Quase) Auxiliar e conversão do antigo período composto em período simples;
- (v) fixação da Construção;
- (vi) erosão morfofonológica da Construção em usos orais representáveis como *Dá preu/prele viajar amanhã*.

O estudo diacrônico da emergência da CMI está por ser feito. Estudos de *corpus*, ainda muito preliminares, do uso desta Construção (VELLOSO, 2007) indicam não só sua juvenildade mas também sua incidência preferencial nas modalidades oralizadas da escrita (cartas ao leitor, *blogs*, letras de música, MSN). Aparentemente, não há incidência atestada da Construção de Habilidade a não ser a partir do século XIX (Torrent, cp). Hoje, no entanto, os usos da CMI verificados em *corpus* revelam a prevalência dos usos Possibilitativos (Aléticos) e a ocorrência minoritária de usos Deonticos (Permissivos). A distribuição atestada é consistente com a tendência prevista por Bybee, Perkins e Pagliucca, (1994, p.194), abaixo representada:

HABILITAÇÃO > POSSIBILIDADE ALÉTICA > PERMISSÃO

Esta tendência é ilustrada em (18):

- (18) (a) Dá prá chegar ao Rio em duas horas.
- (b) Dá prá chover logo de tarde.
- (c) Dá prá Você esticar este *deadline*?
- (d) Dá prá Você me dar uma mão?

A sentença (18)(a), que é (16)(a) repetida, tem, no contexto acima criado, uma ressonância Habilitativa, já bem mais esmaecida na predição metereológica em (18)(b). A sentença (18)(c) é um pedido de Permissão e (18)(d) uma

extensão clássica das Indagações sobre Habilitação como Pedidos Indiretos de Ajuda (*Você pode me passar o sal?...*) Também nesse caso o processo de irradiação polissêmica confirma nossa análise da Modal.

4. Conclusões

Apresentamos neste artigo uma análise construcional-cognitivista da emergência de uma jovem Construção Modal no Português do Brasil, a *Construção Modal Impessoal com dar (CMI)*.

Postulamos que essa Construção tenha emergido motivada por uma complexa rede de heranças que a vinculam metaforicamente à *Construção de Transferência de Posse (CTP)*, Construção nuclear na categoria radial constituída pelos usos polissêmicos convencionalizados do Verbo *dar* em Português.

A motivação crítica nesse processo é a conceptualização metafórica da alteração sociodinâmica, introduzida pela *Transferência da Propriedade de um Recurso*, como Habilitação virtual de um Agonista para a consecução de uma Finalidade. Outras metáforas ontológicas (*Eventos como Objetos; Causas como Aquisição/Perda de Propriedades; Finalidades como Destinações*) contribuem para que situações progressivamente mais abstratas venham a ser evocadas nesses termos.

Pretendemos que a análise aqui apresentada supere outras alternativas, dentro da própria vertente construcionista, que descuram da explicitação das relações motivacionais. Por outro lado, entendemos que análises emergentistas (baseadas-no-uso e/ou focadas no estudo da gramaticalização das formas linguísticas) devem estar também comprometidas com o emprego de uma metalinguagem replicável e com a postulação de categorias teóricas consistentes. Nosso uso da notação goldbergiana busca atender esse requisito.

A presente análise requer a verificação diacrônica de sua hipótese estruturante. Sincronicamente, entretanto, as situações polissêmicas ilustradas demonstram sua exequibilidade tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico. Sintaticamente, observa-se que a Construção corresponde a uma perífrase impessoal constituída do Verbo Quase-Auxiliar *dar* e de seu Complemento Infinitivo, introduzido pela Preposição *para*. Semanticamente, observa-se que essa perífrase modaliza como Possibilidade o domínio indexado ao Sintagma Infinitivo.

Os exemplos considerados mostram que a emergência da acepção Modal (Possibilitativa) ocorre como generalização da acepção Habilitativa vinculada a outra Construção com *dar*, da qual a *CMI* formalmente se distingue pela irrealização sintática de suas funções gramaticais. Em convergência com as predições tipológicas oferecidas na literatura, esta Construção Possibilitativa também convencionaliza sua interpretação Deôntica (como Permissão), fato fartamente ilustrado em interações conversacionais face-a-face ou mediadas eletronicamente.

As outras Construções Modais com *dar*, a que aludi na primeira seção deste artigo, são prontamente analisáveis como desenvolvimentos que, na rede, herdaram traços da *CMI*. Os detalhes desta descrição serão objeto de outro texto, que aborda toda esta família de Modais (Salomão, em preparação).

Nos termos da atual posição traugottiana, a generalização da Construção de Habilitação, obtida através do crescimento de sua frequência-tipo, passa pela *convencionalização de implicatura conversacional*, suscitada como inferência do mapeamento metafórico da *Transferência de Recurso* em *Habilitação*: a saber, o Agonista, empoderado pelo(s) Atributo(s) que recebeu, torna-se virtualmente Habilitado a atingir a Finalidade que se coloque.

De todo modo, a análise apresentada constitui evidência em favor da Gramática das Construções Corporificada, uma vez que a emergência estudada, da significação Modal, é subsidiária de alteração sociodinâmica introduzida pela Transferência de Recurso de um Doador a um Recipiente, conceptualizada em termos de um esquema cinestésico (da dinâmica físico-corporal). A interpenetrabilidade aqui observada do “mundo físico” e do “mundo social” não deve nos surpreender: afinal, uma das constatações mais notáveis dos desenvolvimentos recentes nas ciências cognitivas é que o principal contexto humano é o próprio convívio humano.

Notas

¹ Partes deste trabalho, desenvolvido com o apoio da CAPES, no meu estágio como pesquisadora visitante ao Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia, Berkeley, foram apresentadas na 33ª Reunião Anual da *Berkeley Linguistics Society* (fevereiro de 2007), na 10ª Conferência da *International Cognitive Linguistics Association* (em Cracóvia, julho de 2007) e na terceira versão do Congresso *Linguística e Cognição* (do GT da ANPOLL “Linguística e Cognição”), ocorrido em agosto de 2007, em Belo Horizonte.

² As interpretações das abreviaturas usadas são as seguintes:

lex-vip: lexema verbo intransitivo preposicionado
 SIN: traço SINTAXE
 CONC: traço CONCORDÂNCIA
 SPR: traço ESPECIFICADOR
 COMPS: traço COMPLEMENTOS
 EST ARG: traço ESTRUTURA ARGUMENTAL
 FON: traço FONOLOGIA
 RESTR: traço RESTRIÇÕES SEMÂNTICAS
 REL: traço RELAÇÃO
 SIT: traço SITUAÇÃO
 ARG: traço ARGUMENTO
 Compl: classe sintática Complementizador

Os números dentro dos quadrados designam complexos de valores de traços e sua respectiva Unificação.

³ Esta representação obedece às disposições teóricas consolidadas em Sag, Wasow e Bender (2003) mas, evidentemente, introduz inovações requeridas para a descrição de uma língua como o português, diferenciada “parametricamente” do inglês, no que admite Orações sem Sujeito. Minha solução para esse problema distingue-se da proposta de Aragão Neto (2007) por ater-se mais estritamente ao tratamento pelos autores dos “*dummies*” em inglês. Vale destacar que HPSG é uma teoria baseada-em-restrições, razão pela qual a descrição proposta só inclui especificações não preditíveis como herança de sua hierarquia de tipos.

⁴ A notação talmyana representa o Agonista como um círculo, o Antagonista como a forma híbrida que se lhe antepõe, um ponto marca estado de repouso e ângulos indicam movimento. Os sinais + e – indicam a assimetria na distribuição de Forças. A linha inferior dividida por uma barra indica os estágios anterior e posterior à imposição (ou suspensão) da Força.

⁵ A diagramação do esquema de *Capacitação/Habilitação* é proposta minha, consistente com a caracterização adotada para os demais casos.

Referências Bibliográficas

- ARAGÃO NETO, M. Análise de dirigir a partir de uma proposta de interface entre HPSG e o léxico gerativo. *Working Papers em Lingüística*, 2007.
- BARCELONA, Antonio. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: BARCELONA, A. (Org.). *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- BARLOW, Michael. Usages, blends and grammar. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Susan (Org.). *Usage based models of language*. Stanford: CLSI, 2000.
- BERGEN, Benjamin. Experimental methods in simulation semantics. In: GONZALEZ-MARQUES, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael (Org.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia, 2006.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (Org.). *Construction grammars; cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, 2005.
- BLOOM, Paul. *How children learn the meaning of words*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.
- BUCCINO, G. *et al.* Action observation activates premotor and parietal areas in a somatotopic manner: an fMRI study. *European Journal of Neurosciences*, n. 13, v. 2, p. 400-404, 2001.
- BYBEE, Joan; PAGLIUCCA, William. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIAK, J. (Org.). *Historical semantics: Historical word-formation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1985.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- CAMERON-FAULKNER, Thea; KIDD, Evan. *I'm are what I'm are: the acquisition of first-person singular present BE*. *Cognitive Linguistics* 18-1, p. 1-22, 2007.
- CHANG, Nancy. *Constructing grammar: a computational model of the acquisition of early constructions*. Ph.D. Thesis, University of California, Berkeley, 2005.
- CULLICOVER, Peter; JACKENDOFF, Ray. *Simpler syntax*. New York: Oxford University Press, 2005.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860>. ISSN 1860-2010.

DODGE, Ellen; WRIGHT, Abby. Herds of wildebeest, flasks of vodka, heaps of trouble: an embodied construction grammar approach to English measure phrases. *Proceedings of the 28th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, Ca: University of California, Berkeley, 2002.

FELDMAN, Jerome. *From molecule to metaphor; a neural theory of language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics and the nature of language. In: HARNAD, S.R. *et al.* (Org.). *Origins and evolution of language and speech*. New York: New York Academy of Sciences, 1976.

FILLMORE, Charles J. Topics in lexical semantics. In: COLE, R.W. (Org.). *Current issues in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1977.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea. (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, Charles J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6, p. 222-254, 1985.

FILLMORE, Charles J. The mechanisms of construction grammar. *Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: University of California, Berkeley, 1988.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul. *Construction grammar*. Ms. University of California, Berkeley, 1993.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of 'let alone'. *Language* 64, p. 501-38, 1988.

GALLESE, Vittorio; LAKOFF, George. The brain's concepts: the role of the sensory motor systems in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, v. 1, 2005.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, Ray. The resultative as a family of constructions. *Language* 80, p. 532-568, 2004.

- GRIES, Stephan Th. Corpus-based methods and cognitive linguistics: the many senses of to run. In: GRIES, Stephan Th.; STEFANOWITSCH, Anatol (Org.). *Corpora in cognitive linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B. Agent-Oriented vs. Epistemic modality: some observations on German modals. In: BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Susan (Ed.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- HOPPER, Paul. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: TANNEN, Deborah (Org.). *Linguistics in context*. Norwood, NJ: Ablex, 1988.
- HOPPER, Paul. Emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael (Org.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum, 1998.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth [1993]. *Grammaticalization*. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- JACKENDOFF, Ray. *Foundations of language*. New York: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTHONY, Andrew (Org.). *Metaphor and thought*. 2nd edition substantially revised. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. Unpublished MS (unpaged). 2006. Disponível em: <<http://hci.ucsd.edu/coulson/cogling/lakoff10.pdf>>.
- LAKOFF, George. The neuroscience of form in art. In: TURNER, M. (Ed.). *The artful mind*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, George. Ten lectures on cognitive linguistics. *Beijing Foreign Language Teaching and Research Press*, 2007.
- LANGACKER, Ronald. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (Org.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

- NARAYANAN, Srin. *KARMA: Knowledge based active representation for metaphor and aspect*. Ph.D. Dissertation. Computer Science Division. University of California, Berkeley, 1997.
- NEWMAN, John. *Give: a cognitive study*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- POLLARD, Carl; SAG, Ivan. *Head-driven phrase structure grammar*. Stanford: CLSI e Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- SAG, Ivan; WASOW, Thomas; BENDER, Emily. *Syntactic theory: a formal introduction*. Stanford: CLSI. 2nd edition, 2003.
- SALOMÃO, Maria-Margarida. *Polysemy, aspect and modality: the case for a cognitive explanation of grammar*. Ph.D. Dissertation. Department of Linguistics. University of California, Berkeley, 1990.
- SALOMÃO, Maria-Margarida. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. A ser publicado em 2008, pela Editora da UFMG.
- SWEETSER, Eve. Grammaticalization and semantic bleaching. In: AXMAKER, S. et al. (Ed.). *BLS-14*. Berkeley: University of California, Berkeley, 1988.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TALMY, Leonard. Force dynamics. Conferência apresentada ao Congresso sobre *Language and Mental Imagery*, em maio de 1981. Berkeley: University of California, 1981.
- TALMY, Leonard. Force dynamics in language and thought. *Papers from the 21st Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago, 1985.
- TALMY, Leonard. Force Dynamics in language and cognition. *Cognitive Sciences*, 12, p. 49-100, 1988.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2000. 2 v.
- TOMASELLO, Michael. *First verbs: a case study of early grammatical development*. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage based theory of language acquisition*. Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press, 2003.
- TRAUGOTT, Elizabeth. Historical aspects of modality. In: FRAWLEY, William. (Ed.). *The expression of modality*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

van der AUWERA, Johan; PLUNGIAN, Vladimir. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, 2, 1998.

VELLOSO, Monica. *A emergência da gramática: estudo da idiomatização da Construção Modal com "dar" no Português do Brasil*. M. A. Thesis in progress. Juiz de Fora, Brasil: UFJF, 2007.

VENDLER, Zeno. *Linguistics and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Org.). *New reflections on grammaticalization*. International Symposium, Potsdam 1999. Amsterdam: John Benjamins, 2002.